

I

No Mar

«Beber e coçar, é só começar»¹, assegura o provérbio; a fórmula pode ser ligeiramente modificada e dizer, com não menos propriedade: «Beber e viajar, é só começar.» — A sede de ver, como a outra sede, exacerba-se, em vez de se extinguir, quando satisfeita. Eis-me em Constantinopla, e já só sonho com o Cairo e com o Egito. A Espanha, a Itália, a África, a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, uma parte da Alemanha, a Suíça, as Ilhas Gregas, algumas escalas na costa asiática, visitadas em várias épocas e por diversas vezes, não fizeram mais do que aumentar o desejo de vagabundagem cosmopolita. Introduzir na vida a viagem é, talvez, introduzir-lhe um elemento perigoso, pois que ela perturba profundamente e desperta inquietações semelhantes às das aves migratórias, reféns dos períodos das migrações, se alguma circunstância ou algum dever nos impede de partir. Sabemos que nos vamos expor a fadigas, privações, dissabores, mesmo perigos; custa renunciar aos prezados hábitos do espírito e do coração; trocar a família, os amigos, as relações pelo desconhecido, e, no entanto, sentimos que é impossível ficar. E aqueles que nos amam não tentam sequer deter-nos, e apertam-nos silenciosamente a mão quando já temos um pé no estribo da carruagem. Com efeito, não devemos percorrer um pouco o planeta sobre o qual gravitamos através da imensidão, até que o misterioso criador nos transporte para um novo mundo para nos dar a ler uma outra página da sua obra infinita? Não será uma condenável preguiça soletrar sempre a mesma palavra sem jamais virar a

página? Que poeta ficaria satisfeito por ver o leitor restringir-se a apenas uma das suas estrofes? Assim, todos os anos, a menos que as necessidades mais imperiosas me preguem ao chão, leio um país deste vasto universo que me parece mais pequeno à medida que o percorro e que ele se liberta das vagas cosmografias da imaginação. Sem ir propriamente ao Santo Sepulcro, a Santiago de Compostela ou a Meca, faço uma pia peregrinação pelas regiões da terra onde a beleza dos lugares torna Deus mais visível; desta vez, visitarei a Turquia, a Grécia e um pouco desta Ásia helénica onde a beleza das formas se une aos esplendores orientais. Mas terminemos por aqui este curto prefácio (os mais curtos são os melhores), e ponhamo-nos a caminho sem mais demoras.

Se eu fosse um chinês ou um indiano que chegasse de Nanquim ou de Calcutá, descrever-vos-ia minuciosa e prolixamente o trajeto de Paris a Marselha, a via-férrea de Châlons, o Saône, o Rhône e o Avignon; mas vocês conhecem-nos tão bem como eu, e, além disso, para se viajar num país é preciso ser-se estrangeiro: é a comparação das diferenças que produz as observações. Quantos de nós reparariam que em França os homens dão o braço às mulheres, particularidade que espantaria um habitante do império Celeste? Imaginem, pois, sem transição, que eu estou no porto, e que o *Leónidas* está prestes a partir para Constantinopla. O Midi já se anuncia por um sol alegre que aquece as lajes e faz chilrear as centenas de pássaros exóticos nas gaiolas expostas nas montras de dois passarinhos: as araras joviais debitam o seu repertório, os bengalis batem as asas, julgando-se em casa; os saguins saltitam com ligeireza, esfregam as axilas, fitam-nos com os seus olhos quase humanos e estendem-nos amigavelmente as suas patinhas frescas através das grades, ainda indiferentes à tísica que os fará tossir debaixo do algodão nos frios salões parisienses. Até as pesarosas tartarugas se afadigam nas suas carapaças e se reanimam sob este sol vivificante. Em quarenta horas passei da chuva torrencial ao mais puro dos azuis. Deixei o inverno para trás e encontro o verão esplendido e ardente. Vou comer um gelado, ideia que ainda anteontem me teria feito arrepiar no teatro de Gante. Entro no café turco: devo-o a mim mesmo, dado que par-

to para Constantinopla. É um bellissimo café, palavra de honra. Em todo o caso, não vos falarei dele, apesar do seu luxo de espelhos, de douraduras, de colonelos e de arcadas, já para não falar da sala encantadora da sobreloja, decorada exclusivamente com quadros de artistas marseheses: é um museu local muito curioso e muito interessante. O madeiramento está dividido em painéis que representam diversos temas entregues à fantasia do pintor. — Loubon, cujas paisagens polvilhadas de sol e de grandes rebanhos caminhando em terrenos de pedra-pomes admirámos em Paris, pintou ali a sua obra-prima, e que obra-prima é ela: uma *Descida de búfalos* por uma ravina, nos arredores de uma cidade africana. A luz queima a terra branca sobre a qual se projeta a sombra azul das alimárias disformes que seguem pela ladeira em poses arqueadas, bamboleando-se, entrechocando os joelhos cambos, levantando os focinhos babosos e lustrosos para sorver o ar tórrido; os retardatários são apressados pelo aguilhão de um pastor selvagem, pálido e macilento. Ao fundo, os muros de cré da cidade, destacando-se sobre um fundo de céu anil, selam o horizonte nitidamente. É livre, firme e franco. Decamps não faria melhor. O senhor Brest, que há dois anos expôs no Salão um belo interior de floresta, pintou duas paisagens com cores encantadoras e uma imaginação deliciosa: um lago no meio de um bosque de árvores exóticas, refletidas pelas águas adormecidas, e à beira das quais repousam, do alto das suas longas patas, os flamíngos de asas rosadas, espiando a passagem de um peixe ou de uma rã. Uma alameda de um parque, com um primeiro plano arquitetural, um patamar com colunas e balaustrada, por onde descem as damas e os cavalheiros que aguardam pelos cavalos conduzidos pelos criados. Para evocar a denominação do café, o senhor Lagier representou um turco a preparar o *kief*, depois de ter fumado ópio ou haxixe, e a ver dançar, envoltas no vapor azulado, um grupo de huris mais sedutoras do que as do *Paraíso de Maomé*, do senhor Schopin. Há ainda uma espécie de *Conversa Oriental*, do senhor Reynaud, com trajes deslumbrantes e caprichosos, que se passa diante de uma muralha branca, coberta a meia altura por um manto de verdura e de flores de um tom majestoso, e umas marinhas de um artista cujo nome infelizmente me escapa, mas que são notáveis e não fariam má figura ao lado de um Isabey, de um Durand-Brager,





de um Gudin ou de um Melbye. O nome que me fugia ao escrever a linha precedente ocorre-me agora por um desses caprichos de memória que não se conseguem explicar; chama-se Landais esse hábil pintor. Não nos esqueçamos de duas paisagens do senhor Maggy, de traços sólidos e tons robustos, entremeadas de animais que Palizzi não renegaria. Seria desejável que esta galeria marselhesa, perdida num café, fosse litografada e publicada. Este exemplo de decoração inteligente devia ser copiado em Paris, onde se abusa um pouco do luxo ridículo dos espelhos, das douraduras e dos estofos.

Já terão lido, sem dúvida, as anedotas espirituais de Méry sobre a degradação de Marselha e a tristeza das fontes, que, à força da arquitetura, se esforçam por fazer esquecer que lhes falta a água. Os trabalhos de derivação de Durance estão acabados, e cada quinta pode hoje orgulhar-se de ter um tanque e um jato de água. Há alguns que levam a vaidade ao ponto instalarem uma cascata. Em breve, Marselha ver-se-á cercada por uma multidão de Versalhes, de Marly e de Saint-Cloud em miniatura; em pouco tempo, receio bem, estas magníficas terras calcinadas pela luz, estes belos rochedos cor de cortiça e de pão torrado serão revestidos de vegetação, e o verde-espinafre, para alegria dos proprietários e terror dos paisagistas, fará desaparecer esta aridez resplandecente.

Içaram a âncora; as rodas ferem a água; eis que saímos do porto; costeamos o litoral escarpado, ressequido, esboroadado, parecido com o da outra costa do Mediterrâneo. Não sei se já repararam, mas Marselha e os seus arrabaldes são muito mais meridionais do que a sua latitude parece indicar. Há ali aspetos africanos de uma aspereza tão quente como na Argélia, e a fisionomia do Midi desenha-se ali de uma forma verdadeiramente violenta. As regiões situadas a duzentas ou trezentas léguas a sul têm frequentemente um ar mais setentrional: os penedos cavados, cujas bases mergulham num mar do mais escuro dos azuis, abrem-se, por vezes, e deixam entrever uma cidade longínqua, rodeada de quintas que salpicam o campo com os seus milhares de pontos brancos.

Por vezes, cruzamo-nos com alguns navios de velas infladas que se dirigem para o porto, onde esperam chegar antes de anoitecer; depois, impõe-se a solidão, a costa desaparece na distância, surge a ondulação do largo; já só se vê céu e mar. Uma ligeira carneirada

enxameia o pasto azul do mar. Um poeta antigo teria visto ali os rebanhos de Proteu. O sol, que nenhuma nuvem acompanha, mergulha a ocidente como uma esfera vermelha e parece fumegar ao entrar na água. Cai a noite, noite sem lua; um orvalho salobro abate-se sobre a ponte e penetra nas roupas com a sua acre humidade; os charutos desfazem-se lentamente em cinzas, aspirados por lábios de que a náusea se apoderaria ao primeiro balanço um pouco mais forte. Os passageiros descem um a um e acomodam-se como podem nos gavetões que servem de cama. Não é por se ser embalado com mais regularidade pela ondulação do que uma criança pela sua ama que se dorme melhor, e tem-se sonhos extravagantes entrecortados pela campainha que *pica* a hora e assinala o quarto aos marinheiros.

Ao romper do dia já todos estão de pé; nada ainda, além deste círculo de duas ou três léguas de que o barco é o centro, e que se move com ele, e a que se convencionou chamar imensidão do mar e imagem do infinito, não sei porquê, pois o horizonte que se divisa do alto da torre mais baixa ou da montanha mais ordinária é cem vezes mais vasto.

O dia nasce de súbito e, à esquerda, o capitão aponta para uma terra, que é a Córsega. Mesmo com uns binóculos, não vejo mais do que uma ligeira bruma que mal se distingue das tintas pálidas do céu matinal. O capitão tinha razão. O barco avança: o vapor acinzentado condensa-se, consolida-se; desenha-se o ondulado das montanhas, alguns pontos clareiam, tons de amarelo pontuam os taludes nus, as chapas enegrecidas, as florestas e os pontos cobertos de vegetação. Mais para norte, nesta direção, deve estar a Isola Rossa; mais além, essa brancura gredosa que se confunde com a terra é Ajácio. Mas passamos demasiado ao largo, o que me contraria bastante, para podermos identificar algum pormenor. Assim, todo o dia bordejamos à distância a Córsega enérgica e selvagem, de costumes poeticamente ferozes, de vinganças eternas, que em breve o progresso tornará parecida com um subúrbio de Paris, um Pantin ou um Batignolles. — Talvez fosse agora o momento de inserir aqui um brilhante fragmento sobre Napoleão; mas prefiro evitar esse lugar-comum demasiado fácil, e limitar-me-ei a assinalar de passagem a influência que as ilhas tiveram no destino desse herói já quase fabuloso, e cuja legenda vemos formar-se já à frente dos nossos olhos: